



“Segundo as Escrituras”: a Septuaginta como tradução hermenêutica e sua recepção no Novo Testamento

*“According to the Scriptures: the Septuagint as
hermeneutic translation and its New Testament
Reception*

MARCELO DA SILVA CARNEIRO^a

Resumo

O estudo da Septuaginta tem demonstrado como essa versão do texto hebraico tem indícios de motivação teológica e ação hermenêutica, no sentido de uma atualização do texto, em relação ao original. Essa tradução hermenêutica motivada teologicamente influenciou em vários momentos os autores do Novo Testamento, que usaram amplamente a Septuaginta. Sendo assim, esse artigo vai procurar demonstrar esses aspectos, indicando com exemplos como isso se deu, tanto na forma como o texto hebraico foi vertido para o grego, quanto no uso que os autores do Novo Testamento fizeram dessa tradução.

Palavras-chave: Septuaginta. Tradução. Novo Testamento. Bíblia Hebraica.

Abstract

The Septuagint study has demonstrated how this version of the Hebrew text has indications of theological motivation and hermeneutic action, in the sense of an update

^aUniversidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, SP, Brasil. Doutor em Ciências da Religião, e-mail: pastor.carneiro@gmail.com

of the text, in relation to the original. This theologically motivated hermeneutic translation influenced at various times the authors of the New Testament, who widely used the Septuagint. Thus, this article will seek to demonstrate these aspects, indicating with examples how this happened, both in the way the Hebrew text was translated into Greek, and in the use that the authors of the New Testament made of this translation.

Keywords: *Septuagint. Tradution. New Testament. Hebraic Bible.*

Introdução

Quando se trata do tema sobre tradução bíblica, em geral se pensa imediatamente nas traduções modernas, em línguas faladas atualmente. As diferentes traduções do texto bíblico para o português, por exemplo, já suscitam em si muitas discussões, como se pode perceber no crescente interesse acadêmico sobre esse tema. Porém, o processo de tradução é muito antigo. Basta pensar que nos séculos II e III, os textos que formariam o Novo Testamento já circulavam em diversas versões (nome técnico dado para as traduções antigas).¹ Isso mostra um desenvolvimento dos textos, sempre em adaptação, revisão e interpretação (cf. ADRIANO FILHO, 2019). Uma delas, considerada a mais famosa no mundo acadêmico, mas com pouca inserção nas pesquisas brasileira ², é a Septuaginta (LXX), tradução grega que foi amplamente usada na Antiguidade até o período medieval.

Esse artigo fará um breve balanço do tipo de tradução que foi promovida na LXX, em relação ao texto hebraico, e como ela se tornou fonte teológica para os autores dos escritos do Novo Testamento. Na verdade, na história da recepção, é sabido que o Cristianismo a adotou como sua versão do que ficou convenicionado chamar de Antigo Testamento, ou ao menos uma de suas recensões.³ Ou seja, mais que tradução, a LXX era considerada Escritura, no mesmo nível dos textos hebraicos circulantes, que já começavam a formar coleções.

¹ Só para se ter uma ideia, a 28ª de Nestlé-Aland cataloga manuscritos de várias versões latinas, siríacas, coptas, além de outras versões, como armênio, georgiano, gótico, etíope e eslavo antigo.

² Em um artigo bastante esclarecedor, Leonardo Pessoa da Silva Pinto (2018) pondera sobre como a pesquisa sobre a Septuaginta no Brasil depende de materiais estrangeiros.

³ De fato, a Septuaginta completa foi adotada apenas pela Igreja Ortodoxa Grega. A Vulgata de Jerônimo assumiu apenas parte dos livros que foram escritos diretamente em grego, conforme mostra Luiz Alexandre Rossi (2021, p. 70s).

Iremos apresentar o tema em três momentos: no primeiro, uma breve apresentação da Septuaginta, sua origem e motivação para ser composta; a seguir, mostraremos como a tradução da LXX muitas vezes representa uma hermenêutica do texto hebraico, teologicamente motivada. Por fim, apresentaremos a influência da LXX no NT, não apenas como base escriturística em si mas como base teológica, mesmo quando a versão diverge do texto hebraico; ou melhor, em especial quando isso acontece. Para exemplificar, mostraremos que esse fenômeno se deu tanto em Paulo quanto nos evangelhos, em especial Mateus, justamente aquele considerado mais ligado aos judeus. Como veremos, isso não representa um afastamento de sua raiz judaica, mas reforça como os seguidores de Jesus se mantiveram dentro da tradição judaica corrente, tendo na LXX sua “Bíblia”. Ao final, faremos um breve balanço desse processo.

Origens e motivação para elaboração da LXX

Antes de tratar da recepção da LXX pelos autores do NT, cabe comentar brevemente alguns aspectos sobre a mais antiga versão em língua não hebraica do Antigo Testamento e outros textos judaicos. Para começar, é preciso entender que, no período em que a LXX foi composta, não existia ainda um cânon judaico fechado. As evidências indicam que a LXX teve seu início no século III a.EC., em Alexandria, por incentivo do rei Ptolomeu Filadelfo II (JOBES, SILVA, 2000, p. 335).

A testemunha mais antiga a falar da LXX é a *Carta de Aristeas* (2022), um documento controverso, que foi questionado desde o século XVI. A partir dela, se depreende que a tradução contemplou inicialmente apenas o Pentateuco. Nela, afirma-se que o rei foi motivado por seu bibliotecário, Demétrio de Faleros, a ter uma cópia de todos os livros conhecidos na época, dentre eles as leis dos judeus – a Torá, ou como seria conhecida em grego, o Pentateuco. Sendo assim, o rei solicitou ao Sumo Sacerdote de Jerusalém que enviasse setenta e dois sábios de todas as tribos de Israel – seis de cada uma – para trabalhar na tradução, o que foi prontamente concordado em fazer. A carta indica que os tradutores trabalharam em conjunto comparando suas

traduções e dialogando entre si, até que tivessem completado o processo de forma satisfatória, para então entregar ao rei. O número setenta e dois foi arredondado depois por Filo de Alexandria, de onde se origina o nome *Septuaginta*.

Entretanto, de acordo com a análise de James C. Paget (2019, p. 110s), considerando que a carta pode não ser uma testemunha fiel dos fatos⁴, o que se deve levar em conta para a origem da LXX são as necessidades da comunidade judaica de Alexandria. Para tanto, ele aponta as seguintes propostas:

1. A tradução seria um testemunho para o mundo helenístico de como a lei judaica é superior. Entretanto, essa teoria carece de evidências, até porque tudo indica que a LXX atendeu mais ao público judaico em si, do que aos outros grupos.
2. A LXX teria surgido a partir das necessidades litúrgicas da comunidade judaica alexandrina, que tinha perdido o contato com o hebraico como língua materna. Porém, também essa teoria carece de evidências textuais ou externas. Mas, há indícios indiretos em Filo, sobre as casas de oração serem escolas de filosofia ancestral, o que indicaria a necessidade de tradução. Ainda assim, uma escola estaria mais preocupada com o texto inteiro do que o interesse litúrgico, de tendência selecionadora.
3. A ideia dos escribas como centro da tradução gerou a teoria do texto interlinear. Nela, a LXX seria, na verdade, uma forma de acesso ao hebraico pelos judeus da diáspora que tinham perdido o contato com sua língua ancestral. Isso explicaria o caráter hebraizante do texto, que muitas vezes depende do hebraico para ser compreendido. Essa teoria, no entanto, também foi carente de comprovação, inclusive no próprio texto.
4. A LXX teria um texto único e específico, que tem efeitos hebraizantes de maneira proposital, algo como uma forma de

⁴ Tessa Rajak vai indicar a Carta de Aristeas como *mito histórico*, uma forma de estabelecer a identidade de um grupo, por meio de elementos comuns do passado. Ele segue aqui a teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs (RAJAK, 2009, p. 47).

preservar a comunidade judaica de uma helenização absoluta, e assim manter alguma conexão com sua língua fonte. Essa ideia teve desdobramentos, por exemplo, indicando que o texto da LXX é da “rua”, mais do que da “corte”. Poderia, inclusive, ser o socioleto⁵ de soldados, remetendo o texto a um ambiente militar. Porém, isso não se confirma, pois não se explica o motivo de militares buscarem a tradução do hebraico para o grego.

Seja como for, Paget aponta para alguns fatores comuns presentes nessas teorias: a necessidade de algum tipo de controle pelo grupo; o fato de que a LXX atendeu à comunidade judaica da Alexandria; que a motivação para a tradução foi, acima de tudo, intrajudaica, até mesmo como forma de proteger a identidade da comunidade judaica frente à crescente helenização das regiões diaspóricas em que o povo judeu estava presente. Ao mesmo tempo, os estudos demonstram que a tradução, ao adaptar o grego para o hebraico, acabou por promover certa “exegese” de tradução.

A LXX como tradução hermenêutica teologicamente motivada

A ideia de que os tradutores da LXX tenham realizado uma exegese do hebraico é defendida por Emanuel Tov (2019, p. 257), que adiciona o fato de que é uma “exegese teologicamente motivada”. Ele diz: “Como todas as outras versões bíblicas, a LXX reflete exegese teológica, porém, provavelmente, em um menor grau do que os Targumim⁶ aramaicos” (TOV,

⁵ Socioleto é a denominação dada à linguagem interna de um grupo social que compartilha o mesmo idioma de outros grupos, mas utiliza um conjunto de termos próprios, por motivos diversos (profissão, geração, temas de interesse comum etc.). Aitken define assim: “Onde termos específicos são usados dentro de um grupo social, devemos falar agora de um socioleto em vez de dialeto, visto que o fenômeno não consiste em uma diferença na estrutura da língua, mas no uso social” (AITKEN, 2019, p. 124).

⁶ Targumim é o nome dado para as traduções do hebraico para o aramaico, que acabam sendo comentários, e não traduções no sentido estrito. A própria palavra significa “comentário” ou “paráfrase”, mas também “tradução”. Tov explica: “Os Targumim foram

2019, p. 257). Segundo Tov, ainda assim, os eruditos têm mais interesse na LXX do que em outras versões, pois estudar essa tradução pode elucidar variações textuais antigas no texto hebraico, em comparação com o texto massorético (TM)⁷. Ele aprofunda a questão: “Eruditos estão muito interessados em ver como o conteúdo, ideias e palavras da Bíblia Hebraica foram traduzidas ou parafraseadas por tradutores vivendo no mundo helenístico radicalmente diferente de Alexandria” (TOV, 2019, p. 258).

Aqui adotamos uma terminologia um pouco diferente. Pensamos que a exegese é um termo muito específico, e que o termo *hermenêutica* atende melhor ao que acontece na LXX e no uso que o NT faz dela. O debate sobre a diferença entre exegese e hermenêutica é extenso e costuma ser simplificado, considerando que a exegese é o estudo do texto em si, e a hermenêutica a aplicação da mensagem. Pensando no fato de que os tradutores da LXX queriam interpretar o mundo hebraico para o mundo helenizado – ainda que fosse para um público judaico – é possível aplicar o termo “tradução hermenêutica”, acrescentando a ideia de Tov que seja “teologicamente motivada”. A terminologia expressa de tradução hermenêutica pressupõe algo diferente do que a tradução normalmente realiza, considerando que em si todo processo de tradução tem um fator hermenêutico: escolha de palavras adequadas, adaptação para a língua receptora etc. (BARNWELL, 2011, p. 35s). Tradução hermenêutica deseja remontar ao conceito mais específico de uma adaptação de ideias que atualizem o texto-fonte, no caso o hebraico, para a situação que os judeus estavam vivendo naquele momento, no contexto da helenização do mundo em que viviam.

A questão teológica da LXX já tem sido analisada há algum tempo. Recentemente, Johan Cook e Martin Rösel organizaram um congresso, realizado na Universidade de Stellenbosch, África do Sul, sendo que a grande

criados dentro das comunidades judaicas como os companheiros oficiais para as Escrituras Hebraicas no judaísmo rabínico, (...). Essas traduções facilitavam a introdução de algumas modernizações e exegese na tradução, enquanto deixando o próprio texto hebraico intacto.” (TOV, 2017, p. 150s)

⁷ O texto massorético, ou massorá, foi um aparato criado para orientar a leitura do texto hebraico, a partir do séc. VII EC, em especial em relação à vocalização do texto, considerando que o hebraico só contém consoantes. O foco desse material está na ortografia e não no texto em si (TOV, 2017, p. 67s).

maioria dos participantes eram africanos, em que trabalharam a Teologia da LXX, cujo resultado foi publicado em 2020. O método adotado por eles consiste em perseguir padrões de tradução, em que o termo grego adotado não é exatamente uma versão fiel do termo hebraico, mas transparece uma ideia teológica – em um movimento que podemos chamar de hermenêutico – que passou a influenciar o pensamento judaico do período do Segundo Templo⁸. Um exemplo apontado por Martin Rösel (2018, p. 10) bastante evidente é a tradução de *zebaot* – em português traduzido como “dos exércitos” – que na LXX se tornou *pantokrator* – lit. todo-poderoso. Emanuel Tov comenta a respeito:

O(s) tradutor(es) dos Profetas Posteriores (exceto Isaías) que traduziram a frase *YHWH zebaot* (literalmente: O Senhor dos Exércitos) consistentemente usando *kyrios pantokrator* (o Senhor onipotente) tinham, obrigatoriamente, que ter tido certa opinião sobre a natureza da frase hebraica. Para ele (eles) *zebaot* incluía não somente uma corporação de “anjos” ou “exércitos”, porém, abrangia tudo. Portanto, ao escolher esta versão de tradução, o(s) tradutor(es) exegeticamente traduziu(ram) o hebraico, ao mesmo tempo que optou(optaram) por um termo também conhecido a partir do mundo dos deuses gregos, alguns dos quais eram descritos como *pantokrator* (TOV, 2019, p. 263).

Perguntas que se podem fazer nesse ponto: Que tipo de hermenêutica se pode perceber na tradução da LXX? Até que ponto o uso de determinado termo grego representa uma hermenêutica em relação ao termo hebraico e não simplesmente a transposição natural de uma tradução? E para nosso recorte, que peso essas escolhas tiveram para os autores dos textos do NT?

Para essas questões, pode-se ter em conta que outros fatores devem ter influenciado as escolhas, e o fato de algumas palavras hebraicas terem tradução diferente, quando se compara alguns livros. Por exemplo, o mesmo termo *zebaot* em Isaías não é traduzido, apenas transliterado para o grego como *zabaoth*. Isso mostra que, primeiro, não foi desenvolvida nenhuma regra lexical rígida para as traduções dos livros posteriores ao Pentateuco. Segundo, que as intenções teológicas de um grupo de tradutores de determinado livro

⁸ O período do Segundo Templo equivale aos séculos VI aEC até I EC, período que vai da construção do templo por Zorobabel, passando pela renovação e ampliação ordenada por Herodes o Grande, até sua completa destruição pelos romanos no ano 70, em decorrência da revolta judaica de 66 EC.

podem não ser as mesmas de outro. Ainda assim, merece destaque alguns aspectos da tradução hermenêutica da LXX.

Equivalentes individuais

Além do caso que indicamos acima, Tov (2019, p. 263s) aponta algumas traduções específicas, recorrentes na LXX, que indicam a motivação teológica:

1. Distinção entre um altar judeu (*misbeah* = *thysiasterion*) e um altar pagão (*misbeah* = *bômos*). Para Tov, há uma clara intenção de diferenciar o altar da prática judaica em relação aos outros povos e religiões. A palavra *thysiasterion* é um neologismo grego, o que só reforça essa ideia.
2. A palavra *mirsha'at* (incredulidade, maldade) foi traduzida como *anomos* (sem lei), reforçando que o principal pecado de uma pessoa era se colocar contra a Lei (*nomos*). Isso teve reflexo na prática dos fariseus, altamente centralizados na observância da Lei.

Referências a contextos e ambientes religiosos

Outro aspecto que chama a atenção é o fato de os tradutores incluírem informações geográficas e contextuais no texto, que não estão presentes no texto hebraico:

1. No livro de Ester, vários preceitos e contextos indicados na LXX estão ausentes no TM. Por exemplo, na versão hebraica Ester não está preocupada com restrições alimentares no banquete, já na LXX ela fica preocupada sobre o que comer.
2. No livro de Provérbios algumas inserções querem clarear o sentido do texto hebraico. Em Pv 3,18, onde se lê “aqueles que se apegam a ela são chamados felizes”, a LXX acrescenta “como no Senhor”, para reforçar que a busca da sabedoria (*sophia*) só tem sentido quando feita em relação a YHWH. Em Pv 1,7, onde se lê “tolos desprezam sabedoria e instrução”, a LXX traz “o incrédulo

despreza sabedoria e instrução. Ou seja, o tolo se torna o incrédulo, expressão mais forte, em um ambiente de busca de crenças.

Interpretações messiânicas

Tov ainda aponta um aspecto que chama a atenção de quem pesquisa o Novo Testamento: a ideia do messianismo, que começa a se tornar um tema recorrente na teologia judaica do Segundo Templo⁹. Em Números 24 temos dois exemplos bem claros, onde ideias gerais são personificadas em um homem especial:

1. Nm 24,7 TM afirma: “Água fluirá de seus baldes e a semente ele estará em muitas águas.” A LXX traduziu da seguinte forma: “Um homem sairá de sua semente e governará muitas nações”.
2. Nm 24,17 TM testemunha: “Uma estrela surgirá proveniente de Jacó e um cetro levantará proveniente de Israel”. A LXX apresenta o texto da seguinte maneira: “Uma estrela surgirá proveniente de Jacó e um *homem* levantará proveniente de Israel”.

Tov apresenta ainda outras formas de tradução hermenêutica, mas para nosso escopo essas já ajudam a perceber que o trabalho dos tradutores da LXX foi não só voltado para a transposição de uma língua-fonte (o hebraico) para a língua receptora (grego) mas para também evidenciar certas ideias e deixar a mensagem clara para o leitor/ouvinte do texto, evitando confusão e reforçando a cultura judaica. Isso certamente teve implicações na forma como os grupos judaicos receberam esse texto, dentre eles as comunidades seguidoras de Jesus. Martin Rösel vai afirmar, justamente, que perceber a teologia em torno da tradução da LXX ajuda a “fechar a lacuna entre o Antigo Testamento cristão e o Novo Testamento, e a lacuna entre as Escrituras

⁹ Heinz-Josef Fabry (2006, p. 197) aponta a curiosa inversão que ocorre na LXX, pois ela suprime importantes textos-prova que mostram o Messias a partir da Bíblia Hebraica, mas amplia imagens messiânicas em outras, partes, contra o TM.

Judaicas e escritores como Demétrio, Aristeas, Josefo e Filo” (RÖSEL, 2018, p. 242, tradução nossa).

A recepção da LXX no Novo Testamento

Para o estudo que fazemos da recepção da LXX no Novo Testamento, consideramos o seguinte quadro histórico: as comunidades seguidoras de Jesus, tanto na Palestina quanto na Diáspora, eram, em sua raiz, compostas de judeus praticantes, alguns oriundos do farisaísmo (como Paulo), outros zelotas etc. Nenhum deles se reconhecia como um “cristão”, ou seja, praticante de uma religião própria e independente do judaísmo. Por outro lado, esse judaísmo praticado por eles estava em diálogo com a cultura helênica, tanto em termos de língua – usando o grego, inclusive no ambiente litúrgico – quanto de ideias – adotando conceitos novos, oriundos da literatura judaica contemporânea. Em suma, os seguidores de Jesus eram um grupo intrajudaico, que em muitos aspectos se aproximava dos demais. Um deles é o uso da LXX como fonte escriturística (CARNEIRO, 2016)¹⁰.

Entretanto, R. Timothy McLay (2003, p. 175) mostra que mesmo essa relação é bastante complicada e deve ser analisada com cautela. Ele usa a citação de Amós 9,11-12 presente em Atos 15,16-18 para demonstrar que o texto do NT não segue a LXX o tempo todo, como se pode ver abaixo:

Quadro 1 – Comparação de At 15,16-18 com LXX Am 9,11-12 e TM Am 9,11-12¹¹

| At 15,16-18 | Am 9,11-12 LXX | Am 9,11-12 TM |
|---|--|--|
| Depois disto voltarei e reedificarei a tenda <i>arruinada</i> de Davi, reconstruirei as suas ruínas e a reerguerei. | <u>Naquele dia levantarei a tenda arruinada</u> de Davi, Levantarei as suas ruínas, E a reconstruirei como nos dias antigos, | <u>Naquele dia levantarei a tenda desmoronada</u> de Davi, Levantarei as suas ruínas, E a reconstruirei como nos dias antigos, |

¹⁰ Para mais aprofundamento sobre o tema dos seguidores de Jesus como grupo intrajudaico, ver o capítulo 2 de CARNEIRO, Marcelo. *Os Evangelhos Sinóticos. Origens, memória e identidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

¹¹ Para Atos e Amós TM usaremos a Bíblia de Jerusalém. Para a LXX faremos adaptação a partir de tradução própria.

| | | |
|--|---|---|
| <p>A fim de que o resto dos homens procurem o Senhor, assim como todas as nações dedicadas ao meu Nome, diz o Senhor que faz estas coisas conhecidas desde sempre.</p> | <p>A fim de que o resto dos homens e todas as nações sobre as quais o meu nome foi proclamado, me procurem, diz o Senhor Deus que faz estas coisas.</p> | <p>Para que conquistem o resto de Edom e todas as nações, Sobre as quais o meu nome foi proclamado, diz o Senhor, que faz estas coisas.</p> |
|--|---|---|

Fonte: adaptado de McLAY, 2003, p. 18s.

No quadro, foi adotado o seguinte padrão: partes iguais em At e LXX Am que discordam de TM Am estão em itálico, enquanto partes de LXX Am que concordam com TM Am, em discordância com At, estão sublinhadas. Em alguns pontos, o texto de Atos difere da LXX, enquanto esta concorda com o TM. Em outros, Atos concorda com a LXX, enquanto esta difere do TM. Para McLay, esse fato demonstra a liberdade dos autores do NT sobre o texto grego antigo. Além disso, o autor de Atos procurar reforçar a messianidade de Jesus, quando usa *kyrion* [Senhor], como aquele que será procurado pelas pessoas. Mas, do ponto de vista da crítica textual, McLay não descarta a hipótese de que houve algumas harmonizações entre os textos, mesmo que no fim ainda persistam diferenças.

Há outra hipótese que consideramos relevante: de que o texto pode ter sido citado de memória, considerando a cultura oral na qual aquelas comunidades viviam. Nesse caso, mesmo levando em conta o texto escrito, adaptações e inserções são altamente plausíveis.¹²

As teorias sobre o uso que os autores do NT fizeram da LXX podem ser descritas nos seguintes termos, de acordo com McLay (2003, p. 30s): *Citação explícita vs alusão*: em geral as pesquisas focam nesse aspecto, mas ele não esgota o estudo que se pode fazer da relação LXX e NT. Aqui é fundamental o uso do conceito e metodologia da intertextualidade; *identificação das fontes*:

¹² McLay não pensa assim, e neste ponto preferimos seguir os estudos de oralidade, como o de Joanna Dewey (1995) e Rafael Rodrigues (2009). Nessa perspectiva, eles levam em conta que o grau de alfabetização do mundo judaico-romano era muito pequeno e as leituras eram costumeiramente feitas em público. A recitação de textos era, então, uma prática comum, sujeita a esse tipo de alterações. Isso recai na ideia de re-oralização, conceito defendido por Samuel Byrskog (2002).

percepção dos textos mais usados, que serviram de base para os autores do NT; *métodos exegéticos e hermenêuticos*: a aproximação do estilo de argumentação dos textos do NT com textos rabínicos, por exemplo, permitiu entender a aproximação do NT com a LXX em termos de método hermenêutico, para além do uso fixo do texto como Escritura Sagrada.

Quando a tradução aponta a teologia: exemplos

Diversos estudos já estão em curso sobre a relação entre a LXX e o NT; falta, muitas vezes, uma articulação entre eles, para demonstra um uso mais sistemático do texto grego como base escriturística e fonte teológica. Isso significa, no entender de McClay (2003, p. 145), que é mais do que o desenvolvimento de uma pensamento pessoal sobre os temas da fé, mas um padrão de pensamento influenciado pela leitura dos textos judaicos na versão grega. Alguns exemplos que iremos demonstrar abaixo terão essa perspectiva.

“Segundo as Escrituras”: Paulo e a LXX

Em diversos lugares o apóstolo Paulo utilizou a fórmula *katá tas graphas* [segundo, ou conforme, as Escrituras¹³] para apresentar textos-prova que indicavam elementos já prenunciados ou indicados nas Escrituras Judaicas acerca de Cristo (como Messias) e da fé em sua obra. E, na maioria das vezes, fez uso da LXX como base de sua argumentação. José Adriano Filho (2019), por exemplo, analisou o caso da citação de Isaías 29,14b e Jeremias 9,22-23 em 1Coríntios 1,18-31. Para ele, “A releitura de Paulo (...) assinala os limites da sabedoria humana e apresenta uma correlação entre a manifestação da sabedoria e poder de Deus e a composição da comunidade cristã.” (ADRIANO FILHO, 2019, p. 180). Não vamos retomar o caminho metodológico da Adriano

¹³ O conceito de Escrituras para os primeiros cristãos era bastante amplo, como aponta McClay (2003, p. 138), podendo incluir textos posteriormente considerados apócrifos. Porém, aparentemente, já havia no séc. I EC um consenso em torno de um cânon judaico tripartido, mesmo que não com o número atual de livros da Bíblia Hebraica. Isso permitiu, posteriormente, um processo de seleção em torno de um grupo de livros, o que definiu a canonização do Antigo e do Novo Testamentos.

Filho, mas indicar aqui algo que está como pressuposto em seu artigo: o de que a base teológica de Paulo para sua argumentação está na LXX.¹⁴ Paulo também utilizou outra fórmula semelhante, *katá tó gegramménon* [como está escrito], que é similar em termos de intenção de citar as Escrituras. Sobre essa segunda fórmula, Esequias Soares afirma:

A expressão hebraica *kakatub* “como está escrito”, usada nos textos pós-exílio [sic] do Antigo Testamento (2Crônicas 30,5,18; Esdras 3,4; Neemias 8,15), e nos documentos do Mar Morto, marca de maneira definitiva a autoridade dos livros sagrados. “Está escrito” é usado na comunidade de Qumran apenas quando a referência é aos livros autorizados. Isso aparece nos textos descobertos com referência aos livros de Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, os Profetas Menores e em Salmos (SOARES, 2009, p. 48).

Mas, a questão em torno do uso da LXX por Paulo vai mais longe: estudando suas citações é possível perceber que, provavelmente, o texto hebraico que foi base para a versão grega – denominado *vorlage* - que ele usou não devia ser o mesmo que o texto massorético que conhecemos. Essa ideia é defendida por Emanuel Tov (2019, p. 299s), que fala em uma reconstrução de versões mais antigas do texto hebraico a partir da LXX. Neste sentido, a pesquisa de Florian Wilk (2006, p. 253s) elucida, em parte, a questão, quando ele faz a análise da aproximação de Paulo do texto da LXX, em que ambos diferem do TM. Apenas dois exemplos indicados por ele: Rm 9,29, citando Is 1,9, e Gl 4,27, citando Is 54,1. Em ambos os casos, Paulo acompanha a LXX, e se desvia do texto hebraico que encontramos na versão massorética. Abaixo, demonstramos o segundo caso:

Quadro 2 – Comparação de Gl 4,27 com LXX Is 54,1 e TM Is 54,1¹⁵

| Gl 4,27 | Is 54,1 LXX | Is 54,1 TM |
|--|--|---|
| Alegra-te, estéril, que não davas à luz. <i>Põe-te a gritar de alegria,</i> | Alegra-te, estéril, que não davas à luz. <i>Põe-te a gritar de alegria,</i> | Entoa alegre canto, ó estéril, que não deste à luz; |

¹⁴ Adriano Filho não fez a correlação com o TM, como McClay, porém sua exposição denota o uso teológico que Paulo faz dos textos, para além de uma mera citação escriturística.

¹⁵ Para Gálatas e Isaías TM usaremos a Bíblia de Jerusalém. Para a Is LXX faremos adaptação a partir de tradução própria, considerando que no grego o texto é idêntico ao de Gálatas.

| | | |
|---|---|---|
| tu que não conheceste as dores de parto, | tu que não conheceste as dores de parto, | Ergue gritos de alegria, exulta, tu que não sentiste as dores de parto, |
| porque mais numerosos são os filhos da abandonada do que os <i>daquela que tem marido</i> . | porque mais numerosos são os filhos da abandonada do que os <i>daquela que tem marido</i> . | porque mais numerosos são os filhos da abandonada do que os filhos da casada, diz lahweh. |

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Percebe-se que a LXX tem pequenas diferenças em relação ao TM. Paulo a acompanha literalmente em todo o texto, diferente do que ocorre nos textos indicados anteriormente. Isso mostra uma dinâmica na elaboração do texto da LXX, mesmo no século I EC que torna o estudo ainda mais complexo. Entretanto, a base para a teologia paulina certamente veio dessa fonte, e não de um texto hebraico similar ao TM.

O uso da LXX em outros textos do NT

Mas, não é só Paulo que se baseia na LXX, pelo contrário, podemos perceber essa tendência em muitas outras partes. Martin Karrer (2006, p. 335s) trabalha com a hipótese, bastante fundamentada, de que o autor de Hebreus se baseou na LXX para citar as Escrituras. Pelas tantas citações que faz, Hebreus ajuda, inclusive, a demonstrar a transmissão das Escrituras na língua grega. Ainda em Hebreus, Gert J. Steyn (2020, p. 371s) estudou o uso do termo *epangelia* [anúncio, promessa] nessa mesma epístola, a partir da LXX. Para ele, esse termo, tão amplamente utilizado por esse autor, aponta para diferentes aplicações, que ele distingue em sete tipos de promessa: Promessa do Resto (remanescente) (Hb 4,1); a Promessa aos herdeiros de Abraão (Hb 6,12.17); as Melhores Promessas (Hb 8,6); Promessa da Herança Eterna (Hb 9,15); a Perseverança para receber a Promessa (Hb 10,36); Promessa de Deus e Fé (Hb 11); a Promessa atual de Deus (Hb 12,26). Em todos esses trechos há referência a alguma passagem da LXX em que aparece *epangelia*. Ou seja, um termo relativamente simples se torna base para uma Teologia da Promessa, fundamentado nas Escrituras Judaicas gregas.

Em relação a outras epístolas, Karen H. Jobes (2006, p. 311s) demonstra como 1Pedro faz mais citações e alusões à LXX que qualquer outro livro do NT, considerando sua curta extensão. Ao analisar as citações da epístola, Jobes percebeu que muitas delas podem ter se baseado em textos que já continham interpolações cristãs sobre o original da LXX, mostrando que no século II EC a LXX usada pelos cristãos já tinha sofrido interferências, tendo em mente a cristologia vinculada a Jesus de Nazaré.

Outro livro que tem forte relação com a LXX é o Evangelho de Mateus. O uso que ele faz da versão grega chega a 60, entre citações explícitas e alusões (PENNINGTON, 2009, p. 65). De uma forma mais detalhada, vamos analisar a citação de LXX Is 7,14, presente em Mt 1,23, que aponta o nascimento do Messias de forma diferente de TM Is 7,14. Vejamos no quadro abaixo como se expressa:

Quadro 3 – Comparação de Mt 1,23 com LXX Is 7,14 e TM Is 7,14¹⁶

| Mt 1,23 | Is 7,14 LXX | Is 7,14 TM |
|--|--|---|
| Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel. | Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarás com o nome de Emanuel. | Eis que a jovem está grávida e dará à luz um filho e dar-lhe-á o nome de Emanuel. |

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Tanto LXX Is 7,14 quanto Mt 1,23 usam o termo virgem (gr. *parthénos*) enquanto TM Is 7,14 utiliza o termo jovem [*almá*], que significa uma mulher casada em condições de engravidar. No contexto da profecia de Isaías, estava a mulher de Acáz, que esperava, a essas alturas, o futuro rei Ezequias. Logo, ao traduzir *almá* por *parthénos*, a LXX alterou o ambiente do imaginário da profecia. Ao tratar do problema que envolvia a gravidez de Maria e a difamação que lhe era imputada, o evangelista utilizou a versão grega para indicar que Maria era virgem até o momento em que engravidou, mantendo assim sua dignidade. Isso não significa, porém, que ela tenha engravidado do Espírito

¹⁶ Para Gálatas e Isaías TM usaremos a Bíblia de Jerusalém. Para a Is LXX faremos adaptação a partir de tradução própria, considerando que no grego o texto é idêntico ao de Gálatas.

Santo, ou mesmo que José seja o pai da criança, como aponta Silvio Gomes (2021). Ele comenta:

No texto da genealogia [Mt 1, 2-16], Maria é apenas citada como esposa de José que deu à luz ao Messias. A citação, porém, oculta o termo “gerou” para José, tão comum, mesmo quando outras mulheres foram citadas (GOMES, 2021, p. 134)

Gomes vai indicar que a forma como Mateus narrou o nascimento de Jesus, longe de ser um mito divinizado de nascimento, é uma narrativa ambígua que procura resguardar a dignidade de Maria, diante do fato que ela teve um filho fora do casamento, porém José a acolheu e assumiu a criança. Mas, por que motivo foi usada a versão da LXX, em vez do TM, que manteria tal possibilidade? Algumas possibilidades: primeiro, como forma de mostrar que nem mesmo José teve relações sexuais com ela, e que o ato sexual se deu com ela virgem; segundo, como forma de reforçar a messianidade de Jesus a partir de uma virgem, sem deixar clara a paternidade da criança. Porém, não podemos desconsiderar a hipótese de que o autor de Mateus tenha usado a LXX sem uma clareza intencional, apenas por ser a versão na qual se baseava para fazer citações. Essa questão precisa ser melhor investigada, para que se torne uma certeza, mais que hipótese. Seja como for, a leitura e recepção desse texto, utilizando a LXX como fonte, foi uma das bases para a doutrina do nascimento virginal, dogma extremamente importante para as diferentes vertentes do Cristianismo.

Considerações finais

Um breve balanço do que foi exposto aqui mostra que o uso da LXX pelos autores dos textos do NT não foi muito diferente da prática que os tradutores da LXX fizeram do texto hebraico: interpretações, aplicações hermenêuticas com liberdade para aplicar ao novo contexto no qual viviam. Outra constatação, bastante óbvia, mas que tem sido ainda pouco explorada no Brasil, é de que a Bíblia dos primeiros cristãos era a LXX e não o texto hebraico. Isso traz implicações relevantes para a pesquisa do Cristianismo Primitivo e sua literatura. Inclusive para entender o descolamento do

pensamento judaico a partir do século II EC e de uma autonomia narrativa e conceitual, que chegou ao seu ápice nos concílios, onde os grandes dogmas cristãos foram convenencionados.

Cabe aos estudos procurar relacionar de forma mais orgânica essas evidências textuais, formulando, inclusive, hipóteses para o motivo dessa dependência da LXX. Em nossa abordagem, admitimos dois aspectos: que a LXX tinha ampla aceitação nas comunidades judaicas, não só na diáspora, como também na Judeia e regiões vizinhas; e que o fato de a pregação cristã ter se aberto aos não judeus muito cedo – com Paulo e alguns outros – propiciou o uso da versão que seria mais inteligível no império romano, onde a língua franca não era o latim, mas o grego, em sua versão popular, o *koiné*. Isso explica, inclusive, porque obras como Marcos e Mateus, além da epístola de Tiago, apesar de terem um fundo judaico muito forte, tenham sido escritas em grego. Ao mesmo tempo, mostra que Paulo não era anti-judaico, pelo contrário, seguia um judaísmo específico, que tinha forte relação com a LXX, em vez do texto hebraico.

Seguimos então essa vertente, e deixamos em aberto a necessidade de aprofundamento da pesquisa em terras brasileiras, naquilo que podemos contribuir, considerando todos os esforços que já foram feitos anteriormente.

Referências

ADRIANO FILHO, J. “Como está escrito”: Releitura de LXX Isaías 29.14b e LXX Jeremias 9.22-23 em 1 Coríntios 1.18-31. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 59, n. 1, p. 168-182, jan./jun. 2019.

AITKEN, J. K., PAGET, J. C. *A tradição Judaico-Grega na Antiguidade e no Império Bizantino*. Niterói: BV Books, 2019.

BARNWELL, K. *Tradução Bíblica*. Um curso introdutório aos princípios básicos de tradução. Tradução: Dra. Mary Daniel. Adaptação e Revisão: Linda Niehoffe, Dr. Vilson Scholz. 3. ed. Anápolis, GO: SIL Brasil, Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BYRSKOG, S. *Story as History – History as Story*. The Gospel Tradition in the Context of Ancient Oral History. Boston, Leiden: Brill Academic Publishers, In., 2002.

CARNEIRO, M. *Os Evangelhos Sinóticos*. Origens, memória e identidade. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

COOK, J., RÖSEL, M. (ed.). *Toward a Theology of the Septuagint*. Stellebosch Congress on the Septuagint, 2018. Atlanta: SBL Press, 2020.

DEWEY, J. (ed.). *Orality and Textuality in Early Christian Literature*. Semeia 65. Atlanta: Society of Biblical Literature, 1995.

FABRY, H.-J. Messianism in the Septuagint. In: COOK, J., RÖSEL, M. (ed.). *Toward a Theology of the Septuagint*. Stellebosch Congress on the Septuagint, 2018. Atlanta: SBL Press, 2020. p. 193-205.

GOMES, S. *Jesus, o filho ilegítimo*. Maria, entre a sombra do estupro e a acusação de adultério. 1. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2021.

JOBES, K. H., Silva, M. *Invitation to the Septuagint*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 2000.

JOBES, K. H. The Septuagint Textual Tradition in 1 Peter. In: KRAUS, W., WOODEN, R. Glen. *Septuagint Research*. Issues and Challenges in the Study of the Greek Jewish Scriptures. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2006. p. 311-333.

KARRER, M. Epistle to the Hebrews and the Septuagint. In: KRAUS, W., WOODEN, R. Glen. *Septuagint Research*. Issues and Challenges in the Study of the Greek Jewish Scriptures. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2006. p. 335-353.

McCLAY, R. T. *The Use of the Septuagint in New Testament Research*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 2003.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. Edição com margens. Introdução em português. 28. ed. Revisada. Münster, Westphalia: Deutsche Bibel Gessellschaft, 2012.

PENNINGTON, J. T. Refractions of Daniel in Gospel of Matthew. In: EVANS, C. A.; ZACHARIAS, D. *Early Christian Literature and Intertextuality*. London, New Yourk: T & T Clark, 2009. p. 65-86.

PINTO, L. P. da S. Redescobrimdo a Septuaginta. Itinerário para o estudo da Bíblia Grega. *Rebiblica*, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 186-198, jul./dez. 2018.

RAJAK, T. *Translation and Survival*. The Greek Bible of the Ancient Jewish Diaspora. Oxford: Oxford University Press, 2009.

RODRÍGUEZ, R. Reading and Hearing in Ancient Contexts. *Journal of the Study of the New Testament*, v. 32, n. 2, p. 151-178, dez. 2009.

ROSSI, L. A. S. Organização e artificialidade: a função hermenêutica do Cânon. In: CARNEIRO, M.; LEONEL, J. (org.). *Para estudar a Bíblia*. Abordagens e métodos. São Paulo: Editora Recriar, 2021. p. 65-82

SANTOS, L. O. *Qual das Bíblias é a certa?* Uma introdução ao exame das motivações subjacentes às traduções da Bíblia. 1. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

SOARES, E. *Septuaginta. Guia histórico e literário*. São Paulo: Hagnos, 2009.

STEYN, G. J. Septuagint Influence on the Formation of Early Christian Theology: ἑπαγγελία in the Book of Hebrews and Its Substantiation from the LXX Pentateuch. In: COOK, J., RÖSEL, M. (ed.). *Toward a Theology of the Septuagint*. Stellebosch Congress on the Septuagint, 2018. Atlanta: SBL Press, 2020. p. 371-396.

The Letter of Aristeas. In: *Ellopos. Greek European Culture*. 2022. Disponível em: <https://www.ellopos.com/blog/4508/letter-of-aristeas-full-text-in-greek-and-english/><https://www.ellopos.com/blog/4508/letter-of-aristeas-full-text-in-greek-and-english/26/>. Acesso em: 26 jun. 2022.

TOV, E. *A Bíblia Grega & Hebraica*. Tradução de Edson de Faria Francisco. 1. ed. Rio de Janeiro: BVBooks Editora, 2019.

TOV, E. *Crítica Textual da Bíblia Hebraica*. Tradução de Edson de Faria Francisco. 1. ed. Rio de Janeiro: BVBooks Editora, 2017.

WILK, F. The Letters of Paul as Witnesses to and for the Septuagint Text. In: KRAUS, W.; WOODEN, R. G. *Septuagint Research. Issues and Challenges in the Study of the Greek Jewish Scriptures*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2006. p. 253-272.

RECEBIDO: 16/06/2022
APROVADO: 14/08/2022

RECEIVED: 06/16/2022
APPROVED: 08/14/2022